

A APRESENTAÇÃO DOS VERBOS NUM DICIONÁRIO GRAMATICAL DE USOS

Sebastião Expedito IGNÁCIO¹

- **RESUMO:** Discutimos neste artigo as condições e as formas como devem ser apresentados os verbos num dicionário gramatical de usos, com base na estrutura valencial e nos aspectos sintático-semânticos e pragmáticos, segundo os quais se podem estabelecer as tipologias e as taxinomias da categoria proposta.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Uso; dinamicidade; estatividade; valência; ação; processo; estado.

1 O que é um dicionário de usos

Em princípio, um dicionário de usos não tem, evidentemente, como objetivo precípuo prescrever o uso da língua, mas sim descrever a maneira como a língua está sendo usada. No entanto, o usuário que se propõe consultar um dicionário normalmente o faz para se inteirar da maneira correta, ou usual, no emprego dos elementos lingüísticos. E aí o dicionário de usos passa a assumir também uma função normativa. Assim, a responsabilidade do dicionarista se avulta. Além do necessário embasamento teórico e da coerência dos critérios lexicográficos, segundo os quais se farão as classificações, as descrições e os registros dos elementos lingüísticos, é fundamental o cuidado na seleção dos dados realmente representativos.

Além disso, fatalmente um dicionário de usos, que pretenda ser fiel à realidade da língua que se propõe registrar, sofrerá restrições por parte dos adeptos das normas rígidas da tradição gramatical. Ainda que o registro se faça com base nos escritos mais representativos e abrangentes, tanto qualitativa quanto quantitativamente, tanto a escola quanto os concursos públicos ou quaisquer outros expedientes destinados a avaliar o desempenho da língua escrita resistirão a aceitar as inovações. Tendem sempre a considerar erro, "vulgarismo", ou, na melhor das hipóteses, "linguagem não-adequada" muitas formas e construções que já se tornaram correntes, usuais. Essa resistência deriva da concepção de que o único modelo aceitável como correto é o da língua dos escritores considerados clássicos. Mesmo

1 Curso de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

os fatos que se podem abonar com Camões, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Machado de Assis são considerados “cochilos” se não se enquadram na regra rígida da gramática normativa tradicional.

Esse conflito, no entanto, não pode ser empecilho ao dicionarista, por algumas razões básicas: primeiro porque a sua função é registrar com fidelidade as ocorrências. Assim, embora não tenha como objetivo a prescrição, ele atentar para os fatos realmente representativos e sistemáticos, registrando como normais formas estruturalmente diversas porém equivalentes em significação e frequência, e chamando a atenção para os fatos que se afiguram como tendências da língua. Segundo, porque, embora não se tenha ainda entre nós uma definição precisa e atual do que seja o padrão lingüístico culto, há uma tradição gramatical que se evidencia na produção escrita, de modo geral, que há de ser sempre diversa da língua oral.

Como mera ilustração, gostaríamos de citar aqui alguns fatos, ainda condenados pela gramática normativa, presentes na língua escrita desde as primeiras manifestações do modernismo e que são abundantes nos textos contemporâneos.

Aproveitando o levantamento feito por Sílvia Elia (1963) sobre “a contribuição lingüística do modernismo”, vejamos, primeiramente, o que o autor chama de “fatos fonéticos”, tidos como transgressões das regras da norma culta, como tentativa dos modernistas de aproximação da língua escrita com a oral, e até mesmo pela “ânsia nacionalista”, e que, na verdade, são formas encontradas nos clássicos.

De Jorge de Lima, em *Calunga*, cita o autor:

- (1) “o maquinista ficou de cócoras em frente da máquina *maginando* como desenrascar aqueles ferros do inglês.”

De Carlos Drummond de Andrade, em *Poesia até agora*, cita:

- (2) “A família mineira
está *quentando* sol
sentada no chão.”

“Maginar” e “quentar” são formas registradas, segundo o autor, por Padre Augusto Magne, no *Glossário da Demanda*, e por Padre Anchieta (“*quentar-se* ao fogo do amor divino”).

Em textos contemporâneos, encontramos:

- (3) “Coriolano deu para *maginar* se não seria melhor largar de besteira.” (Filho, 1965)
- (4) “*Magina* só: eu agora estava com vontade de cigarrar.” (Rosa, 1951)
- (5) “Que frio! E o diabo do sol não *quenta* coisa nenhuma.” (Rosa, 1951)
- (6) “De repente [o cão] manifestara-se ali a *quentar* fogo.” (Amado, 1984)

Sabemos que essas formas são mais frequentes na língua falada; todavia, estando também registradas na escrita, encontradas até em textos considerados clássicos, não há razão para que o dicionarista as sonegue.

Dentre os "fatos sintáticos", citemos o tão combatido uso do verbo "ter" pelo "haver":

De Carlos Drummond de Andrade, o conhecidíssimo "No meio do caminho *ti- nha* uma pedra."

De Jorge de Lima, em *Calunga*:

- (7) "Nos olhos de Janaína
Na cauda de Janaína
tem cem doninhas pulando."

Este emprego longe está de ser um brasileirismo, uma vez que, conforme registra Jucá Filho (1953), se encontra, entre outros, em Camilo, "*Tem* lá uma coisa que chamam academias", e em Eça de Queirós, "*Tem* ali um pomar, que dá os pêssegos mais deliciosos de Portugal". É também de uso corrente nos textos escritos contemporâneos:

- (8) "Não *tem* jeito, João Grilo morreu." (Suassuna, 1963)
(9) "*Tem* aí um Doutor Germano, este então não para de falar." (Jardim, 1980)
(10) "*Tem* uma coisa no ar que inquieta." (Brandão, 1985)

Para citar mais uma construção "condenada", lembremos o emprego dos verbos de movimento com a preposição "em":

De Murilo Mendes, em *História do Brasil*:

- (11) "*Chegaram na capital*
Bem limpinhos e bem lavados."
Ou:
"Mas ninguém *vai nessa escola*:
Não *tem* estrada pra lá."

Para "regulamentar" esse uso, bastaria que a gramática normativa citasse Camões, em *Os Lusíadas*:

- (12) "*Nalgum porto seguro*, de verdade,
Conduzir-nos já agora determina."

Na linguagem contemporânea, temos:

- (13) "Ele só *ia em Andaraí* quando fazia de um conto de réis pra cima." (Salles, 1966)
(14) "*Fui em outra festa* com Marcinha." (Paiva, 1982)
(15) "*Chegamos em Belém* no fim da tarde." (Sousa, 1983)

Outro exemplo de regência verbal ainda não aceita como correta é o uso de verbos como "aspirar" (almejar) e "assistir" (presenciar) como transitivos diretos, ou seja, sem o emprego da preposição "a", também presente na língua escrita contemporânea:

- (16) "As mulheres () também *aspiram uma situação de vida mais definida*." (Melo, 1975)

- (17) "O que todos *aspiram* é fartura e alegria." (Ribeiro, 1983)
- (18) "isso é qualidade requerida daquele que *aspira um cargo de oficial de igreja*." (Lessa, 1976)
- (19) "Ela *assistia missa e novena* de um banco da primeira fila." (Queirós, 1992)
- (20) "A adaptação teatral do livro, *que assisti* no teatro de arena, nada subtraiu nem acrescentou do original." (Rey, 1989)

Em que pese, pois, a resistência da gramática normativa, um dicionário de usos deverá registrar formas como "engulir", bem como construções do tipo "deparar-se com", "namorar com" etc., desde que sejam encontradas nos textos de escritores contemporâneos, pois, afinal, elas atestam tendências da língua. Se a gramática escolar não as aceita não será motivo para que o dicionarista não as registre. Esse registro poderá até servir de fonte a uma revisão da norma-padrão estabelecida.

Dos usos agora citados, colhemos os seguintes exemplos:

- (21) "*Enguli* muitas vezes a saliva com gosto ruim de cuspe." (Borges, 1965)
- (22) "A voz lhe faltou. *Enguliu* um soluço, fez um esforço para não chorar." (Montenegro, 1960)
- (23) "E agora é só dobrar assim e está pronto para *engulir*." (Fernandes, 1963)
- (24) "Este é o problema central *com que se depara* o administrador financeiro." (Shubert, 1989)
- (25) "*Deparei-me com* cobras e onças." (Miranda, 1991)
- (26) "Ela está *namorando com* o gringo do circo." (Marinho, 1963)
- (27) "Quem é que vai querer *namorar com* um sujeito assim?" (Marcos, 1979)

Em síntese, diríamos que um dicionário de usos não há que sonegar o registro de formas ou construções em uso na língua, só pelo fato de estarem em discordância com os preceitos tradicionais da gramática escolar, todavia há que se adotar algum critério nas apresentações. Por exemplo, registrar normalmente as formas que se equivalham em significação e frequência, e chamar a atenção, talvez em nota, para aquelas que se apresentam menos frequentes, mas que se afiguram como tendências da língua.

2 Apresentação dos verbos num dicionário de usos

A apresentação dos verbos obedecerá a uma análise e classificação, segundo critérios previamente definidos. Teoricamente, os verbos podem se classificar de acordo com as relações semântico-sintáticas que mantenham com o sujeito, argumento de primeiro grau (A_1), e com o objeto ou complemento direto, argumento de segundo grau (A_2) (Ignácio, 1984).

A partir das relações com A_1 , os verbos indicarão:

(i) AÇÃO, com sujeito *instigador*, com os traços + *controle*, + *voluntariedade*, + *causatividade*, portanto, Agentivo:

(28) Fernando *viaja* todos os dias;

(ii) PROCESSO, com sujeito *afetado*, constituindo-se, portanto, no Paciente do evento. Em princípio, neste caso o sujeito se caracteriza como Experimentador, Receptivo ou Beneficiário:

(29) Sarita *emagreceu* com o regime;

(30) Raimundo *adoeceu*;

(31) César *recebeu* indulto de Natal.

Verbos primitivamente indicadores de ação selecionam sujeito Objetivo nas construções processivas:

(32) As águas estão *subindo* rapidamente.

(iii) ESTADO, com sujeito *inativo*, Objetivo, em princípio não afetado, exceto com os determinados verbos volitivos, sensitivos, opinativos, cognitivos (“querer”, “gostar”, “julgar”, “saber” etc.), em que o sujeito é Experimentador:

(33) Queremos um governo justo.

(34) João *gosta* de matemática.

(35) Paulo *julga* que sabe tudo.

(36) Manuel *sabe* que não será eleito.

A relação lógica que se estabelece nas frases com verbo de ação é sempre a de um FAZER, por parte do sujeito, enquanto nas frases processivas há sempre um ACONTECER, em relação ao sujeito (Chafe, 1979). Diríamos que nas frases estativas há um SER/ESTAR/EXISTIR.

Ação e processo se realizam simultaneamente quando há um FAZER por parte de A_1 e um ACONTECER em relação a A_2 . Nesse caso, A_2 será sempre *afetado*, afetamento este que se caracteriza tanto por uma mudança de estado físico, incluindo mudança de lugar, quanto por um condicionamento psicológico. Ocorre, ainda, o objeto *efetuado*, ou *resultativo*, aquele que “passa a existir”. Assim, A_1 poderá ser Agentivo, Causativo ou Instrumental,² e A_2 será Paciente, Experimentador, Receptivo, Beneficiário ou Resultativo, não necessariamente numa relação de causa e efeito predeterminada entre os dois argumentos. Como exemplos de verbos que podem compor frases ativo-processivas, podemos citar “quebrar”, “levar”, “magoar”, “fazer” etc., em frases como:

(37) O cigano *quebrou* uma dúzia de pratos.

2 As funções temáticas Agentivo, Causativo e Instrumental se distinguem, fundamentalmente, pelos traços + *controle* (controlador) e + *voluntariedade*, próprios do Agentivo; - *controle* (não-controlador e não controlado) e - *voluntariedade*, próprios do Causativo; + *controle* (controlado) e - *voluntariedade*, próprios do Instrumental.

- (38) O vento *levou* as nuvens para o Sul.
(39) Minhas palavras *magoaram* os ouvintes.
(40) Margarida *fez* um bolo de cenoura.

Com base nessas relações fundamentais, é possível estabelecer uma tipologia matricial para o registro dos verbos no dicionário. Todavia, uma descrição gramatical não pode contentar-se apenas com a indicação dessa tipologia. Cabe ao dicionarista descrever todas as estruturas, sejam semântico-sintáticas, sejam morfossintáticas, que realmente ocorram. Isso significa que se devem descrever, além das estruturas morfossintáticas e traços semânticos pertinentes dos argumentos, próprios das estruturas-padrão típicas de cada verbo, também os arranjos sintáticos ocorridos nas estruturas derivadas. Cite-se, como exemplo, o verbo “conversar”, que, como verbo de ação, na sua acepção básica, teria a seguinte estrutura valencial: Sujeito Agente e complemento constituído por nome humano precedido da preposição “com”:

- (41) O governo *conversará* com sindicalistas.

Como sujeito e complemento são constituintes simétricos, estes podem coordenar-se ou condensar-se numa forma de plural, fato que deverá ser levado em conta pelo dicionarista:

- (41a) Governo e sindicalistas *conversarão*.
(41b) As duas partes/eles *conversarão*.

Por outro lado, será a partir da função pragmática que o verbo adquire no texto que se haverá de fazer a sua descrição, pois é a partir daí que ele adquirirá o estatuto semântico de verbo de ação, de processo, de ação-processo ou de estado.

Assim, uma mesma forma lexical se classificará diferentemente, tanto em razão da estrutura sintático-semântica ou valencial, como também em razão da dimensão pragmática, ou seja, do contexto.

No primeiro caso, cite-se o exemplo já bastante conhecido do verbo “abrir”, que poderá compor frases processivas, ativo-processivas (estas com sujeito Agente, Causativo, Instrumental) e até frases estativas:

- (42) A porta *abriu*. (Processiva.)
(43) Frederico *abriu* a porta. (Ativo-processiva, com sujeito Agente.)
(44) O vento *abriu* a porta. (Ativo-processiva, com sujeito Causativo.)
(45) A chave *abriu* a porta. (Ativo-processiva, com sujeito Instrumental.)
(46) Desde cedo uma toalha branca *se abria* sobre a mesa. (Estativa, com sujeito Objetivo.)

No segundo caso, cumpre atentar-se para as ocorrências em que não se pode fazer uma análise considerando-se apenas os limites da oração. Evidentemente, alguns marcadores situacionais, constituintes da oração, são muitas vezes suficientes para a identificação das relações semânticas que permitirão a classificação do verbo. É o caso, por exemplo, da expressão “desde cedo” em (46), que permite a

paráfrase “estava aberta” em lugar de “se abria”. Em outras situações, entretanto, só o contexto maior permitirá uma análise correta. Por exemplo:

(47) Governo democrático *impede* rebelião.

O verbo desta frase, elaborada como título de um texto, possui todas as características para ser classificado como de ação-processo, compondo, pois, uma frase dinâmica. Todavia, em razão do texto a que pertence, assume outra função:

(47a) “A História tem demonstrado que todos os movimentos de revoltas populares se realizam nos países de regimes ditatoriais. Isso nos leva a concluir que *governo democrático impede rebelião*.”

Neste texto o verbo “impedir” estabelece uma relação estativa com o sujeito, uma vez que descreve uma “possibilidade de SER”, não a “realidade de um FAZER”.

Assim, não será a forma lexical que determinará a classe sintático-semântica do verbo, mas a sua função textual. Evidentemente, existem formas prototípicas que, em princípio, caracterizam determinadas classes de verbos, todavia dificilmente serão exclusivas e permanentes em qualquer contexto. Seja, por exemplo, o verbo “correr”, protótipo de um verbo de ação, mas que pode indicar processo e até estado:

(48) A criança *corria* no parque. (Ação.)

(49) A bola *corre* no gramado. (Processo.)

(50) Uma fita amarela *corre* de um extremo ao outro do salão, dividindo-o em dois hemisférios. (Estado.)

Note-se que a acepção do verbo “correr” em (50) não é a mesma de (48) e (49). A relação estabelecida com o sujeito (“Uma fita amarela”) não leva à noção de “movimento”, mas sim à de “estar fixada ao longo de”.

O próprio verbo “ser”, protótipo das relações estativas, pode assumir caráter dinâmico em construções como:

(51) O governo do Iraque *está sendo* implacável com os rebeldes.

Observe-se que, neste caso, o conjunto “está sendo implacável” é que imprime à frase um caráter dinâmico. Logo, não se pode considerar o verbo isolado da estrutura sintagmática de que faz parte.

As características formais indicativas de tempo e aspecto são também caracterizadoras dos aspectos dinâmico *versus* estativo. No entanto, não podem ser o ponto de partida para a classificação do verbo, uma vez que elas são condicionadas e não condicionantes, isto é, a relação de estado ou de processo é que condiciona o tempo/aspecto verbais. Como exemplo, temos:

(52) Os currais da fazenda *pretejavam* de urubus. (Aspecto imperfectivo; frase estativa = “*estavam* pretos de urubus”.)

(53) De repente os currais *pretejaram* de urubus. (Aspecto perfectivo; frase processiva = "*ficaram* pretos de urubus".)

Em suma, num dicionário gramatical de usos, os verbos devem ser classificados segundo critérios sintático-semânticos previamente definidos, mas que só se concretizam no texto, ou seja, em razão das realizações concretas de fala. É numa realização textual que se configuram as características funcionais dos verbos. Daí se observarem fatos como.

- (i) uma mesma forma lexical seleciona sujeitos semanticamente distintos, podendo compor orações tipologicamente distintas. Veja-se o exemplo citado do verbo "abrir" que tanto pode compor frases dinâmicas (ativo-processivas – com sujeitos semanticamente diversos – e processivas), quanto frases estativas;
- (ii) uma mesma forma lexical pode compor frases dinâmicas ou estativas, de acordo com as relações semânticas que estabelece com o sujeito;
- (iii) verbos primitivamente dinâmicos podem estabelecer relações estativas e vice-versa,
- (iv) uma mesma forma lexical adquire acepções diversas, de acordo com as funções semânticas dos constituintes oracionais e, conseqüentemente, de acordo com o tipo de frase que compõe

Além dessas principais classes de verbos, o dicionário deve registrar também as subclasses, tais como as formas que auxiliam na construção do enunciado, indicando aspecto e modalidade. Como exemplo, temos "começar" que, precedendo a + infinitivo, indica aspecto inceptivo, e "dever" que, precedendo infinitivo, indica possibilidade, obrigatoriedade, necessidade:

(54) Magalhães *começou* a falar sobre economia.

(55) O presidente *deve* chegar segunda-feira.

(56) O governo *deve* cumprir a Constituição.

(57) Para a melhoria das condições de tráfego, as rodovias *devem* ser privatizadas.

Outras ocorrências a serem registradas são as *lexias verbais* e as *expressões*. As primeiras se constituem de um verbo suporte associado a um núcleo nominal abstrato, cujo conjunto equivale a um verbo de raiz igual à do nome. Exemplos: *dar murros* = "esmurrar"; *tomar banho* = "banhar-se". Nem sempre a lexia corresponde a uma forma verbal existente na língua, mas esta pode ser prevista pelo sistema ou possui uma forma sinônima: *dar pontapé* = "pontapezar" (?) / "chutar"

As expressões se constituem de um conjunto gramaticalizado que se constrói em torno de um verbo. Caracterizam-se por terem um significado atual diverso do significado de seus elementos constituintes. Exemplo: *dar com os burros n'água* = "ser malsucedido", "fracassar".

Considere-se, finalmente, a descrição gramatical na montagem dos verbetes. Com base na estrutura valencial do verbo é que se farão as indicações sintáticas,

semânticas e morfossintáticas. Do ponto de vista semântico, indicam-se as funções temáticas dos argumentos, bem como traços semânticos pertinentes, como *concreto/abstrato*, *animado (humano/não humano)*, *contável/não contável* etc., além, evidentemente, da aceção do verbo. Do ponto de vista morfossintático, indicam-se os tipos e as estruturas dos complementos. Como exemplo, cite-se o verbo “transportar” numa construção como:

(58) José *transporta* óleo diesel de São Paulo para o Nordeste e emigrantes nordestinos do Nordeste para São Paulo.

Este verbo, que tem a aceção de “levar de um lugar para outro”, se descreverá como indicativo de ação–processo, com três complementos: complemento₁, constituído por nome concreto; complemento₂, locativo de origem; complemento₃, locativo meta.

Como poderá ocorrer o apagamento dos complementos 2 e 3, estes serão descritos como facultativos (±):

(58a) José *transporta* óleo diesel e emigrantes.

Do exposto, concluímos:

1 Um dicionário gramatical de usos, ainda que venha a ser uma orientação aos usuários, não terá caráter normativo. Há de ser o registro fiel da língua em uso numa determinada época. Será tanto mais verdadeiro quanto mais abrangente e mais representativo for o seu *corpus*. Deve contemplar os diversos tipos de textos e, num país como o Brasil, deve abranger a produção escrita de todas as regiões. Cite-se, como exemplo, o Projeto DUP (Dicionário de Usos do Português Contemporâneo do Brasil) em elaboração por uma equipe de pesquisadores da UNESP, Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, sob a coordenação de Francisco da Silva Borba. A equipe trabalha com um *corpus* que já atinge cerca de quinze milhões de ocorrências, abrangendo os vários tipos de literatura (romanesca, dramática, oratória, jornalística e técnica) produzida nos últimos 50 anos.

2 A apresentação dos verbos se deve fazer segundo uma classificação sintático-semântica e de acordo com a função que ele exerce no texto. Isso implica dizer que a apresentação se faz com base numa análise funcional, levando-se em conta os níveis sintático e semântico e a dimensão pragmática. Em se tratando de um dicionário gramatical, há de se descrever a estrutura oracional própria de cada verbo, de acordo com a sua valência.

IGNÁCIO, S. E. The presentation of verbs in a usage dictionary. *Alfa (São Paulo)*, v.40, p.119-128, 1996

- **ABSTRACT** *In this paper, we discuss the conditions and forms of how the verbs should be presented in a usage grammatical dictionary based on their valencial structure and on their syntactic-semantic and pragmatic aspects, according to which we may establish the typologies and taxonomies of the proposed category*
- **KEYWORDS** *Usage, dynamicity, stativity, valence, action, process, state*

Referências bibliográficas

- AMADO, J. *Tocaia grande*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- BORGES, D. *O ídolo de cedro*. São Paulo: Livros Artes, 1965.
- BRANDÃO, I. L. *O beijo não vem da boca*. Rio de Janeiro: Global, 1985.
- CHAFE, W. L. *Significado e estrutura lingüística*. Trad. de Maria Helena M. Neves et al. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- ELIA, S. *Ensaios de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963.
- FERNANDES, M. *Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1963.
- FILHO, A. *Os servos da morte*. Rio de Janeiro: GRD, 1965.
- IGNÁCIO, S. E. *Para uma tipologia dos complementos verbais do português contemporâneo do Brasil*. Araraquara, 1984. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- JARDIM, L. *O ajudante de mentiroso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- JUCÁ FILHO, C. J. *O fator psicológico na evolução sintática*. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- LESSA, E. *Eu era cego e agora vejo*. Rio de Janeiro: Pendão Real, 1976.
- MARCOS, P. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Global, 1979.
- MARINHO, L. *Um sábado em 30*. Rio de Janeiro: Revista de Teatro, 1963.
- MELO, M. C. *O bóia fria*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MIRANDA, A. *O retrato do rei*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- MONTENEGRO, J. B. *As viagens*. Rio de Janeiro: Gavião, 1960.
- PAIVA, M. R. *Feliz ano velho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- QUEIRÓS, R. de *Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- REY, M. *O roteirista*. São Paulo: Ática, 1989.
- RIBEIRO, D. *Carta-discurso de posse do acadêmico Darcy Ribeiro*. Brasília: Senado Federal, 1983.
- ROSA, G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- SALLES, H. *Cascalho*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.
- SHUBERT, P. *Análise de investimentos e taxas de retorno*. São Paulo: Ática, 1989.
- SOUSA, M. *Galvez, o imperador do Acre*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- SUASSUNA, A. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.